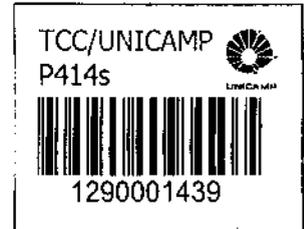


VICTOR BARRETO COSTA PEREIRA



O SURFE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NAS ESCOLAS DO LITORAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS

1994

O SURFE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DO LITORAL

VICTOR BARRETO COSTA PEREIRA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da UNICAMP, como requisito para a obtenção do título de graduado no curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador : Prof. Jocimar Daolio

SUMÁRIO

Introdução	1
Os Conteúdos da Educação Física	2
Origem e Evolução do Surfe	11
A Cultura e o Surfe	18
Conclusões	23
Referências Bibliográficas	25

INTRODUÇÃO

Cientes de que o Surfe é uma prática culturalmente determinada em certas sociedades, fazendo parte da Cultura Corporal de regiões litorâneas de norte a sul do país, pretendemos justificá-lo como um elemento cultural que pode ser utilizado como conteúdo num programa de Educação Física escolar. Não pretendemos abordar o Surfe como um conteúdo indispensável para o ensino da Educação Física, ou como esporte competitivo, ou, ainda, apresentar metodologias para o seu ensino na escola. Nossa intenção é apenas e tão somente a de fazer uma discussão que relativize a condição de indispensável que alguns conteúdos tradicionais possuem num programa de Educação Física escolar. Assim fazendo, estaremos tornando a Educação Física menos preconceituosa em relação a determinados conteúdos, que, por fazerem parte da Cultura Corporal de alguma região, podem integrar seu programa escolar.

Na primeira parte deste trabalho desenvolvemos uma discussão sobre os conteúdos da Educação Física escolar. Em seguida, fazemos uma incursão pelo Surfe, desde sua origem e evolução, até seu desenvolvimento no Brasil. Finalmente, no terceiro capítulo, partimos do ponto de vista de que o corpo é construído culturalmente e, assim, cada sociedade, ou cada grupo, vai elegendo determinadas formas de práticas corporais de acordo com as especificidades de sua cultura. Desta forma, vemos a possibilidade de uso do Surfe como conteúdo da Educação Física escolar nas escolas situadas nas regiões litorâneas ou próximas às praias.

OS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A questão dos conteúdos que devem ser tratados na Educação Física escolar provém de discussões relacionadas aos papéis do professor dentro da escola através de sua história até os dias de hoje.

Estes papéis têm sido os mais variáveis, desde o "instrutor" esportivo, preocupado com a formação de equipes competitivas dentro do horário normal de aulas, até o organizador das fanfarras e dos desfiles cívicos, ou o simples distribuidor e recolhedor das bolas dos joguinhos organizados pelos próprios alunos.

Através destas discussões, chegou-se a conclusão de que a Educação Física tem sido vítima de uma crise de identidade, pois os professores não sabem o que devem ensinar nas suas aulas, confundindo os conteúdos específicos da disciplina com os objetivos gerais da educação escolar.

Exemplos claros deste fato são os professores que possuem o discurso de que na Educação Física tudo serve, que podemos utilizar qualquer atividade que envolva o corpo, pois de qualquer maneira o aluno irá aproveitar este conhecimento na sua vida futura. Acreditando que ensinando "tudo" de forma global e não ensinando nada de forma específica, esses professores pecam, ignorando os objetivos e conteúdos da área, sem perceber que o que fazem não tem sentido pedagógico.

Muitas vezes os alunos saem das aulas satisfeitos com o que tiveram, cansados por tantos exercícios ou felizes por tanta diversão, embora isto não garanta que a aula tenha sido boa, ou que o professor tenha ensinado algo.

Podemos dizer que sem um programa preparado com objetivos claros e conteúdos específicos, dentro de linhas pedagógicas sistematizadas, a aula de Educação Física perde a sua identidade, restringindo-se à mera atividade.

SOARES (1991) fala das funções desempenhadas pela Educação Física, apontando que ainda nos dias de hoje a visão "biológica", voltada para o desenvolvimento das aptidões físicas dos alunos e a manutenção da saúde, rege a produção do conhecimento e a prática pedagógica. A autora cita também a visão "bio-psicológica" que, embora com menos influência, também está presente, abordando os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo através do desenvolvimento intelectual e a manutenção do equilíbrio afetivo-emocional do indivíduo (SOARES, 1991).

Para que legitimemos aquilo que é ensinado, é necessária a ligação destas visões biológica e bio-psicológica com uma visão cultural, fornecendo ao aluno meios para que ele crie um significado para o que aprende, pratica e sente. Desta maneira existirá uma ponte entre o indivíduo e as relações sociais, históricas e culturais do meio onde vive, dando condições para que ele interprete, entenda e transforme estas relações.

Segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992), é a partir da natureza do pensamento que vamos desenvolver nos alunos o conhecimento, selecionando os conteúdos num programa estruturado de Educação Física, e, para isso, devemos levar em conta três elementos fundamentais :

- o conhecimento de que trata a disciplina (os conteúdos) ;
- o tempo pedagogicamente necessário para a abstração do conhecimento;
- os procedimentos didático-pedagógicos para ensiná-lo.

É nosso intuito analisar e discutir com ênfase o primeiro destes elementos, embora a importância dos dois seguintes também seja crucial para a

estruturação do ensino da Educação Física escolar. Dando merecida importância para este assunto, SOARES, TAFFAREL & ESCOBAR (1992) dizem que :

O conteúdo veiculado pela Educação Física através dos tempos serve de elemento fundamental para sua afirmação ou negação (p.31).

Desta forma constatamos que a história da Educação Física no Brasil tem uma significativa importância no delineamento da atual situação que ela se encontra dentro das escolas de primeiro, segundo e terceiro graus.

CASTELLANI FILHO (1988) explica que foram várias as instituições além da escola que se responsabilizaram pela difusão da prática das atividades físicas e os cuidados com o corpo.

Em meados do século XIX, a educação do homem brasileiro era preocupação da elite dominante que delegou aos médicos higienistas a função de estudar o comportamento e promover a mudança de hábitos do povo, garantindo assim, a segurança nacional nas mãos de homens fortes e capazes. Através da eugenia da raça, eles pretendiam melhorar o padrão orgânico de todo o povo, reservando também maiores cuidados com as mulheres que deveriam gerar filhos mais saudáveis. A educação, de acordo com a perspectiva destes profissionais, englobava os âmbitos intelectual, higiênico, moral e físico, estabelecendo as finalidades biológicas da Educação Física da época.

Avançando algum tempo na História, CASTELLANI FILHO (1988) conta que, no governo ditatorial de Getúlio Vargas, as necessidades do desenvolvimento da Educação Física eram outras. Pensava-se no fortalecimento do homem brasileiro para a segurança da Pátria e principalmente para o

trabalho como mão-de-obra especializada nas indústrias nacionais, que iniciavam em uma fase de prosperidade.

Na década de setenta, surgia a Educação Física esportivizada, estimulando o desenvolvimento das aptidões físicas, com a finalidade de preparação de atletas para a obtenção de bons resultados em competições de alto nível dentro e fora do país. Sendo difundida nos próprios cursos de formação profissional em Educação Física, passavam uma visão essencialmente esportiva com uma concepção de corpo nos mesmos padrões biológicos.

Somente no início da década de oitenta, com o aparecimento das primeiras pesquisas e estudos em Educação Física com referencial baseado nas ciências humanas, é que começamos a mudar nossas concepções do que realmente trata nossa área.

Através de pesquisas como a de DAOLIO (1992), feita com professores de Educação Física nas escolas, verificamos que estes pensam o corpo através de concepções técnicas, procurando eficiência de movimentos a fim de cumprir as regras sociais atuais, criando com isso, um Homem brasileiro melhor, intelectual, moral e fisicamente, da mesma forma como se pretendia no século passado. Hoje, no entanto, o objetivo é aprimorar o corpo para estar apto às exigências da eficiente sociedade capitalista, mantendo ainda práticas de cunho biológico.

Se por tanto tempo a Educação Física veio seguindo as necessidades sociais, políticas e culturais do país, porque será que hoje ela possui tantas dúvidas com relação a seus conteúdos ?

Certamente isto ocorre porque no passado não havia uma ligação entre o que era ensinado e a situação histórico-social do próprio aluno na realidade do seu dia-a-dia, mas sim com as necessidades políticas do governo e das elites

sociais. As dúvidas não aparecem com tanta frequência se houver uma integração de conhecimentos elaborados pelas ciências biológicas, sociais, e principalmente considerando a bagagem cultural dos alunos.

O polonês DEMEL (1978, apud BETTI, 1992) relaciona o conceito de Cultura Física com os objetivos da Educação Física, sugerindo que ela domine todas as esferas da personalidade, dirigindo o aluno para metas específicas. Segundo ele, desta maneira, a motricidade humana atua como agente da Cultura Física. BETTI (1992) conclui que, a Educação Física deveria ter a função pedagógica de :

(...) integrar e introduzir o aluno de primeiro e segundo graus no mundo da Cultura Física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (...) (p.235).

Entendemos que a partir dos conteúdos específicos da Educação Física devemos integrar os alunos na dimensão da Cultura Física, mas para isso, devemos deixar claro quais são e como devemos trabalhar estes conteúdos. Desta forma a atuação do profissional não foge aos objetivos específicos da área e não cai no pedagogicismo vazio, ou seja, o professor vai trabalhar com a Cultura Física ou Cultura Corporal através dos seus vários conteúdos específicos, enquanto os ideais pedagógicos da educação, como por exemplo o desenvolvimento do ser integral apto para viver em sociedade, será uma consequência do processo de aprendizagem. A aula de Educação Física não pode englobar tudo o que se faz na escola somente por poder ser aplicada em outras situações da vida.

Ensinando a ginástica, o jogo, o esporte, a dança, entre outros temas que abrangem as construções sócio-culturais do homem, relacionadas com suas atividades corporais ao longo do seu desenvolvimento, poderemos interagir o aluno com o mundo e consigo mesmo, através da Cultura Física.

Sobre a perspectiva de Cultura Corporal, SOARES, TAFFAREL & ESCOBAR (1992) apresentam temas parecidos como dança, jogo, esporte, ginástica e luta, que devem ser tratados pedagogicamente, tendo como objeto de estudo a expressão corporal. Procurando ter um caráter histórico-social, elas não restringem a aula a uma mera prática, como acontece geralmente.

De acordo com as autoras, devemos compreender as relações destes temas com os problemas sócio-políticos atuais, como por exemplo a ecologia, a violência, as situações de vitória e derrota, os preconceitos, entre outros. Somente assim os alunos compreenderão integralmente o conteúdo ensinado, desenvolverão uma visão crítica e transformarão o que for necessário.

FREIRE (1989) resgata a cultura popular das crianças como ponto de partida para as ações pedagógicas. A bagagem cultural que o aluno traz do meio onde vive não pode ser deixada de lado pela escola. Cabe a ela propiciar, além do novo conhecimento, a ampliação daquele já existente, dando condições ao aluno de conhecer outras culturas e explicitar a sua.

Utilizando um referencial de análise antropológico, DAOLIO (1992) vê os professores de Educação Física como atores sociais que, através dos conteúdos que desenvolvem, devem considerar o caráter cultural do corpo, permitindo que todos os alunos sejam iguais no direito à prática da Educação Física. Este caráter cultural respeita as tradições sociais, tornando a aula contextualizada com situações da vida, passando a ter mais sentido e interesse para o aluno.

Para esta mesma direção aponta o documento "Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física : Uma Proposta Para a Escola Pública", da Secretaria de Estado da Educação de Pernambuco, que considera a Educação Física uma disciplina que trata alguns temas ou formas da Cultura Corporal no espaço escolar.

Através da dança, do jogo, do esporte e da ginástica, trabalhados de maneira crítica e consciente, os alunos têm condições de vivenciar não só a prática mas também conhecer o que as diversas pessoas vêem em cada um destes temas, as suas histórias, e como a sociedade traduz estes símbolos culturais. Partindo deste ponto, haverá uma ligação entre os princípios da preparação do indivíduo para o mundo do trabalho e do lazer. Todavia, devemos analisar os objetivos, os conteúdos e os processos metodológicos, considerando os aspectos antropológicos da expressão corporal humana. Através da totalidade da natureza da história do homem e da elaboração de conhecimentos, daremos conta de abranger os objetivos gerais da escola e os objetivos da Educação Física com seus conteúdos específicos.

Entretanto, uma pergunta que muitos professores fazem quando tem de elaborar seus programas anuais é :

Como iremos seguir uma metodologia pedagógica se nós repetimos o conteúdo a cada ano escolar ?

Para que isto não aconteça, devemos seguir uma seqüência pedagógica com o maior número possível de ações teóricas e práticas transformadas progressivamente de níveis simples para níveis mais complexos. Isto deve ocorrer de uma forma espiralada e de acordo com o desenvolvimento de cada idade escolar (SOARES, TAFFAREL e ESCOBAR, 1992).

Estas autoras, exemplificam como podemos trabalhar com o esporte, um dos temas da cultura corporal nas aulas de Educação Física. Se projetarmos esse esporte numa dimensão mais complexa, envolvendo os códigos e os significados da sociedade que o cria e o pratica, estaremos transformando-o numa prática social, institucionalizando-o como um dos vários temas lúdicos da cultura universal.

Ensinar um esporte enquanto conteúdo escolar requer algo mais do que reproduzir os fundamentos básicos da modalidade, os seus métodos de treinamento e o seu jogo em si, mas, muito mais que isto, implica no seu enraizamento social e histórico, envolvendo seu significado cultural enquanto fenômeno de massas nos dias de hoje.

Desta forma, o Futebol, o Voleibol, o Basquetebol, ou ainda o Surfe, deixam de ter um caráter apenas prático, proporcionando ao aluno conhecer também "*(...) o que é praticar uma modalidade esportiva num mundo que transformou isso em profissão*" (SOARES, TAFFAREL e ESCOBAR, 1992, p.218).

As metodologias a serem utilizadas pelos professores nas escolas para o desenvolvimento dos conteúdos da Educação Física podem ir além das vivências práticas, variando das mais diversas formas, desde pesquisas bibliográficas, trabalhos em grupos, observações de jogos ou eventos pela televisão, discussões de vídeos e filmes, até simples reuniões entre professor e alunos ao final de cada aula, para a discussão dos acontecimentos mais significativos do dia.

Finalmente, gostaríamos de reforçar a opinião de que mesmo mantendo os conteúdos bem definidos na elaboração de seus programas, os professores de Educação Física não possuem garantias de que suas aulas serão eficazes no

sentido de ensinar aquilo que propuseram, pois somente a sua atuação pedagógica, juntamente com o seu relacionamento com os alunos, podem determinar o resultado de uma aula. Temos claro que o professor deve ter criatividade, dominar os conteúdos, saber comunicar-se de forma direta e clara com os alunos, utilizando uma linguagem adequada ao nível dos estudantes.

Se pretendemos propor a inclusão do Surfe como conteúdo das aulas de Educação Física nas escolas situadas ao longo do litoral brasileiro, devemos encará-lo como um esporte que possui valores sociais, históricos e culturais diferentes em cada praia, cidade ou estado, devendo ser assimilado também de formas diferentes de acordo com os valores próprios de cada indivíduo. Para isso, analisaremos a seguir os aspectos históricos e culturais específicos do Surfe, que servirão de embasamento para a discussão da sua utilização no contexto escolar.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO SURFE

GUTEMBERG (1989), em sua obra "A História do Surf no Brasil", define de forma simples o esporte como sendo *"a arte de andar sobre a face das ondas em direção à praia, especialmente se for sobre uma prancha"* (p.13).

O Surfe, como é chamado no Brasil, desenvolveu-se tão rapidamente no mundo, que hoje, Gutemberg teria que alterar sua definição, pois foram criadas no Japão e nos Estados Unidos, piscinas apropriadas para a prática desse esporte, proporcionando ondas de até dois metros de altura.

Há cerca de sete mil anos, chegavam às ilhas do Pacífico imigrantes de procedência desconhecida chamados de Polinésios. Eram nativos que trabalhavam e viviam do mar por necessidade, construíam embarcações especiais para navegarem sob quaisquer condições de tempo ou de ondas.

Não se sabe exatamente quando o trabalho virou lazer, mas segundo GUTEMBERG (1989), alguém decidiu que poderia se divertir sobre tábuas de madeira em cima das ondas.

FILOSA II (1977) conta que o rei Moikeha, do Taiti, à procura de novas ilhas, foi quem chegou pela primeira vez ao Havaí, mais precisamente à ilha de Oahu, partindo em seguida para a ilha de Kauai, onde se estabeleceu. Casou-se com as filhas do rei local, teve filhos e cuidou para que todos os seus descendentes aprendessem sua arte de andar sobre as ondas.

O Surfe antigo possuía profundas raízes religiosas, culturais e, de certa maneira, sociais. Somente os reis e seus familiares podiam surfar de pé sobre a

prancha, sem restrições, enquanto a plebe era impossibilitada de praticar o esporte, principalmente pela dificuldade em conseguir madeiras para suas pranchas.

As pranchas eram feitas de antigas árvores havaianas, "Koa" ou "Wiliwili" que atingiam até vinte pés de altura.

Para perpetuarem essa arte, ou mesmo cerimônia, os polinésios e havaianos criaram cantos e danças que representavam os surfistas e suas práticas. Faziam uma festa, algo como um simpósio religioso-político-esportivo-cultural, onde aconteciam competições, festivais e até mesmo lutas mortais por causa do Surfe.

O primeiro homem branco a chegar ao Havai foi o famoso conquistador inglês James Cook em 1777. FILOSA II (1977) descreve um dos relatos de bordo de Cook :

Caminhando um dia na praia de Matavai, algo no mar me chamou a atenção. Vi um homem deslizando numa pequena canoa muito rapidamente, vindo em minha direção. Primeiro, eu imaginei que ele tivesse roubado algo de um dos navios e estava fugindo, mas logo em seguida reparei que ele repetia o seu divertimento remando para fora da linha de arrebentação, no lugar onde as ondas começavam a quebrar. Olhando atentamente o movimento das ondulações, virava sua canoa, remando com muita rapidez até ela adquirir força suficiente para que ele pudesse ficar de pé (...)
(p.2).

Apesar da opinião contrária da maioria de seus compatriotas, Cook gostou muito daquela prática.

Os missionários, com seus preconceitos religiosos, preocupados em espalhar sua fé, condenaram aquela atividade como sendo primitiva e trazida do inferno, já que os seus praticantes estavam sempre nus.

O "progresso" trazido pelos brancos durante mais de cem anos, quase dizimou a população das ilhas do Havaí. As doenças, o modo de vida repleto de tensões e a necessidade de enriquecimento dos conquistadores entraram em choque com a vida pacata daqueles descendentes de Polinésios.

Somente por volta de 1907, George Freeth, principal surfista do Havaí na época, e quem mais lutava pela continuidade da prática, levou o Surfe para a Califórnia, E.U.A.. Freeth fez diversas demonstrações de Surfe durante as festas de inauguração da rota ferroviária da costa oeste dos E.U.A., difundindo o esporte até sua morte, ocorrida em 1919.

A partir daí surgiu um outro havaiano, nadador, salva-vidas e grande surfista: Duke Paoa Kahanamoku, famoso ao bater vários recordes mundiais de natação durante as Olimpíadas de 1912.

Duke foi convidado a visitar países do mundo todo para nadar e aproveitou para difundir também o Surfe. Introduziu definitivamente o Surfe nos E.U.A., Austrália e Europa.

A evolução do Surfe veio juntamente com as mudanças no formato, no peso e no tamanho das pranchas. O americano Tom Blake, incentivado a surfar por seu amigo havaiano Duke, passou a construir pranchas ocas que pesavam três vezes menos do que as pranchas usadas na época, além de desenvolver algo que permanece nas pranchas de Surfe até os dias de hoje: a quilha.

Em 1946, após a Segunda Grande Guerra, empresas desenvolveram um material derivado do petróleo e que mais tarde revolucionaria a indústria de embarcações náuticas: a fibra de vidro. Inicialmente ela foi usada nas pranchas

do Surfe para cobrir a madeira nas regiões do bico e da rabeta (parte de trás). Porém, em 1949, Bob Simons construiu a primeira prancha inteiramente de fibra de vidro, contribuindo muito para a evolução do esporte nos E.U.A. Com pranchas bem mais leves e fáceis de transportar, o aumento do número de jovens adeptos à prática do Surfe foi muito rápido.

Enquanto isso, na Austrália, o Surfe já se tornava o esporte nacional com dez mil filiados ao Clube de Surfe australiano.

Nos anos sessenta, o Surfe tornou-se extremamente competitivo, levando à organização dos primeiros campeonatos regionais.

Em 1970, devido ao aumento do número de competidores e do interesse comercial de diversas empresas, foi criada a I.P.S. (International Professional Surfers), a primeira associação a reger o esporte em nível mundial.

O Surfe hoje é praticado em mais de quarenta países, sendo inclusive estudadas regras e regulamentos pelo Comitê Olímpico Internacional para uma futura inclusão deste esporte nos Jogos Olímpicos (DAUD, 1988).

O Surfe no Brasil

GUTENBERG (1989), entrevistando Osmar Gonçalves, primeiro surfista brasileiro de que se tem notícia, relata que este, ao receber de seu pai uma revista americana sobre mecânica popular que trazia um artigo explicando como construir uma prancha de surfe, resolveu, juntamente com alguns amigos de Santos, se divertir com algo diferente nas boas ondas que ali quebravam em

1938. Osmar construiu sua prancha com a ajuda de um marceneiro e surfou nas praias de Santos durante seis anos. Hoje, com mais de setenta anos, ele fala do "(...) *prazer incomparável de dropar (descer) ondas, uma diferente da outra*" (p.24).

Durante o final da década de trinta, um outro surfista conhecido como Paulo Preguiça, construiu uma prancha oca e com ela já deslizava nas ondas de Copacabana, no Rio de Janeiro. Mas naquela época as praias não eram muito frequentadas, por isso o Surfe não se desenvolveu rapidamente.

O reaparecimento do Surfe no Brasil aconteceu em 1953, quando alguns rapazes da praia do Arpoador, Rio de Janeiro, trocaram uma atividade já praticada com nome de "Jacaré" (ou Surfe de peito), pelo Surfe em pé sobre tábuas de madeira. As pranchas eram feitas de compensados de madeira em forma de portas (muitas vezes eram as próprias portas), com os bicos arredondados e quase todas com uma quilha grande e retangular pregada ou parafusada na parte de trás (rabeta). Os surfistas usavam nadadeiras para ajudar na remada pois devido à pouca flutuação das pranchas, necessitavam de muita força de propulsão para alcançarem a velocidade necessária e entrarem nas ondas.

De acordo com LORCH (1980), a primeira geração de surfistas conhecidos surgiu no Rio de Janeiro, em 1959. Usavam pranchas feitas de madeirite, as primeiras pranchas de Surfe propriamente ditas, com desenho e concepção totalmente brasileiros, geralmente construídas pelos próprios surfistas, orientados por construtores navais ou marceneiros que possuíam a técnica de dar curvatura ao bico da prancha com o uso do calor do fogo.

Em 1962, nos Estados de São Paulo e Santa Catarina, já se encontravam bons surfistas que iniciaram no esporte trazendo pranchas do Rio de Janeiro ou do exterior e se divertiam nas praias locais.

Em 1964, chegou ao Brasil um australiano chamado Peter Troy, trazendo uma prancha de fibra de vidro que impressionou a todos na praia do Arpoador, no Rio de Janeiro. Sua nova maneira de surfar não consistia somente em descer as ondas como faziam os brasileiros, mas sim em aproveitá-las ao máximo, desenvolvendo muitas manobras numa mesma onda. Logo, a concepção de Surfe para os praticantes locais também mudou e o aparecimento de novas pranchas de fibra vindas do exterior incentivou a criação da primeira fábrica de pranchas de Surfe do Brasil: a São Conrado Surfboards, que era a representante dos materiais à base de poliuretano usados nos blocos (espumas) para a fabricação de pranchas de fibra de vidro.

Com a adesão de novos adeptos ao esporte, o Surfe se consolidou e em 1975 foram realizados dois campeonatos em nível nacional : o Festival de Surfe de Saquarema e o Campeonato da Federação de Surfe de Ubatuba. Esses campeonatos reuniram surfistas de várias regiões do Brasil, além de um grande público prestigiando os eventos.

O sucesso dos campeonatos e festivais de Surfe seguiu por vários anos consecutivos, com cada vez mais atletas participantes que difundiam o esporte por suas regiões. Em 1988 foi criada a ABRASP (Associação Brasileira de Surfe Profissional) que promoveu um circuito brasileiro contando com várias etapas, patrocinado por empresas grandes relacionadas ao Surfe no país. Houve etapas em diversas regiões, todas seguindo as regras de julgamento da A.S.P. (Association of Surfing Professional) que atualmente rege o circuito mundial de Surfe profissional.

O Surfe brasileiro é hoje uma das três maiores potências mundiais, atrás somente dos E.U.A. e Austrália. Em termos de talentos amadores e profissionais, mercado de roupas e acessórios e imprensa especializada, o Surfe é um grande sucesso como um dos esportes que mais crescem no Brasil, chegando a ser considerado como um dos cinco de maior interesse do cidadão brasileiro (Surfer Magazine do Brasil, 1992).

A CULTURA E O SURFE

Na primeira parte deste trabalho, vimos que o jogo , a dança, a ginástica e o esporte são temas englobados na Cultura Corporal ou Cultura Física e devem ser trabalhados nas aulas de Educação Física escolar. Esta cultura está vinculada a um meio social, através do qual ela se expressa. Se visitarmos diferentes regiões do país, veremos que os jogos, as danças, as formas de ginástica, os esportes, os movimentos corporais, os costumes e os valores dos povos, seguem tradições culturais também diferentes. Isto porque, segundo DAOLIO (1992), a espécie humana só chegou a se constituir como tal pela concorrência simultânea de fatores culturais e biológicos. Considerando todo e qualquer homem sempre influenciado pelos costumes de lugares particulares, podemos dizer que não existe um homem sem cultura.

O mesmo autor explica que através de formas particulares de cultura, como a Cultura Corporal, o homem se completa, pois sua natureza é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente desta cultura. Embasando-se em Marcel Mauss, um dos pais da Antropologia, ele também discute o corpo como uma construção cultural, com especificidades que muitas vezes são processadas inconscientemente, tornando o ser humano um ser coletivo, e, ao mesmo tempo, com atuações singulares e individuais.

Uma vez que os homens são diferentes culturalmente, o uso que eles fazem do corpo, obviamente, também reletirá essas diferenças (DAOLIO, 1992, p.16).

Na mesma linha de raciocínio, KOFES (1985) afirma que o corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar através de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura.

Portanto, como educadores, devemos respeitar a cultura dos nossos alunos, aproveitando-se dela para sistematizar o processo de ensino e também influenciar na escolha de nossos conteúdos. Devemos lembrar que o aluno chega à escola com uma bagagem cultural muito grande; desta forma, não podemos passar por cima dela como se os alunos fossem vazios e só começassem a aprender na escola.

FREIRE (1989) fala da existência das manifestações de esquemas motores, que são organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, e que dependem tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive, ou seja, sua cultura.

Assim como a linguagem verbal falada pela professora em sala de aula é, por vezes, incompreensível para os alunos, também a linguagem corporal pode sê-lo, se não se referir, de início, à cultura que é própria dos alunos (p.24).

Variando nas formas dos diversos temas da Cultura Corporal de acordo com a utilização que cada sociedade faz de seus corpos, poderemos respeitar as tradições construídas ao longo da história, utilizando-se delas para ensinar novos conteúdos aos nossos alunos.

Ao incluir o Surfe na escola, não é nossa maior preocupação que o aluno, ao final do ano letivo, saiba ficar em pé sobre a prancha, faça manobras radicais, ou tenha coragem para entrar em mares bravios, mas, ao invés disto, nos preocupamos em dar oportunidade a ele de conhecer, aprender, praticar,

questionar e transformar o Surfe como um elemento social que possui determinados significados dentro de sua cultura. Se isto ocorrer, nossa função enquanto educadores estará cumprida, na medida em que contribuiremos para a transformação da própria sociedade.

DAOLIO (1992) lembra que o corpo é sede de signos sociais, ou seja, todos os seus movimentos, suas expressões e sua postura significam algo para a sociedade. É nesse sentido que ele pode afirmar que *“atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido”* (p.24).

Desta maneira, vemos que a mudança nos meios sociais está diretamente ligada com a educação escolar e esta deve ter uma sintonia com as especificidades culturais de cada comunidade.

Sendo o Surfe um esporte, portanto tema da Cultura Corporal, pode ser visto como um dos conteúdos das aulas de Educação Física nas escolas das regiões litorâneas do nosso país. Ora, o Surfe é hoje um esporte envolvido a uma megaestrutura de marketing empresarial, a centenas de associações e federações espalhadas por todo o litoral brasileiro, além de uma imprensa especializada das melhores do mundo. Os mais de 4.000 Km de praias fazem do Brasil um país privilegiado para a prática do Surfe, que rapidamente conquistou um lugar de destaque na cultura esportiva nacional.

Restia-nos utilizar todo esse potencial cultural nas nossas aulas, ou seja, utilizar o ensino do Surfe como instrumento da Educação Física, com suas técnicas corporais, sua história, suas expressões simbólicas e valores aceitos na sociedade.

Será que precisamos utilizar sempre os mesmos esportes como o Voleibol, o Basquetebol, o Handebol e o Futebol, as mesmas danças, os

mesmos jogos ou as mesmas formas de ginástica, sendo que cada região do país possui culturas corporais próprias e específicas ?

Tanto o Surfe como qualquer outra atividade física praticada na praia como o Voleibol de praia, o Futi-vôlei ou ainda o Frescobol, poderiam ser incluídas num programa escolar de Educação Física. O espaço da praia nas regiões litorâneas ainda é pouco explorado pela escola, que deveria abrir-se mais e descobrir o mundo fora dos seus muros.

DAOLIO (no prelo) explica que a Educação Física não tem como função o ensino de um punhado de modalidades esportivas, mas deve utilizar atividades valorizadas culturalmente num dado grupo para proporcionar uma base motora que permita ao aluno, a partir da prática, compreender, usufruir, criticar e transformar os grandes temas da chamada Cultura Corporal ou Cultura Física.

Considerando esta linha de raciocínio, podemos dizer que a Educação Física não deve colocar como objetivo o ensino de uma técnica considerada eficiente para a prática do Surfe ou de qualquer outra modalidade esportiva, ignorando as formas culturais características do grupo alvo de um determinado programa, mas sim, deve propiciar que os alunos, se quiserem, adquiram e pratiquem a técnica eficiente. Se isto acontecer, talvez a Educação Física possa ser pensada num outro contexto, respeitando a Cultura Corporal dos alunos a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o Homem como sujeito da vida social (DAOLIO, 1992).

A partir do conceito de técnicas corporais como construções sociais específicas, MAUSS (1974) explica que qualquer movimento humano é um ato técnico, porque possui tradição e eficácia, ou seja, é transmitido de geração à geração e em algum nível ele atende às expectativas do grupo, nem que seja em

nível simbólico. Neste processo, existe tanta autoridade e tradição social quanto quando as transmissões se fazem pela linguagem, por isso quando ensinamos de forma sistematizada utilizando recursos já existentes na tradição cultural, somos melhor compreendidos, visto que o conteúdo torna-se interessante e, de certa forma, faz parte da vida do aluno.

Ora, se a Educação Física deve trabalhar com os conteúdos da Cultura Corporal ou Cultura Física, e se considerarmos o Surfe como uma prática cultural realmente determinada, por que não lançarmos mão desta atividade significativa nas aulas que ocorrem em escolas de cidades litorâneas, e nas proximidades da praia ? Trata-se não de ensinar o Surfe, da mesma forma que a Educação Física não ensina o Basquetebol ou o Voleibol, mas de através do Surfe, desenvolver um trabalho motivante, contextualizado e significativo de Educação Física.

CONCLUSÕES

Através de uma análise bibliográfica sobre os conteúdos da Educação Física, envolvendo autores de linhas teóricas variadas, vimos, na primeira parte desta monografia, que os conhecimentos a serem tratados na nossa disciplina devem abranger os diversos temas da Cultura Corporal ou Cultura Física.

Desta maneira, a Dança, os Jogos, a Ginástica e os Esportes abrangem os conteúdos da Educação Física, porque são as construções sócio-culturais do homem, relacionadas com suas atividades corporais ao longo do seu desenvolvimento. Assim sendo, estes conteúdos merecem ser trabalhados pedagogicamente, em níveis crescentes de dificuldade, respeitando-se as diferenças culturais de cada aluno

Em seguida, descrevemos um histórico do Surfe, fazendo análises dos espaços culturais ocupados por ele no mundo, e especificamente no Brasil através dos tempos. Enfatizando sua rápida proliferação e difusão no país por razões geográficas, financeiras e culturais, ressaltamos o seu inegável valor dentro da cultura esportiva do brasileiro.

A partir daí, na terceira parte do nosso trabalho, fizemos uma relação entre a Educação Física e o Surfe, elaborando uma justificativa sob uma ótica cultural para a utilização deste esporte nas aulas de Educação Física das escolas situadas em regiões litorâneas. Pensamos que se libertarmos o nosso conteúdo das atividades esportivas típicas como o Basquetebol, o Voleibol, o Futebol ou o Handebol, permitindo a exploração da riqueza cultural das atividades corporais do brasileiro com todas as suas especificidades,

poderemos utilizar não só o Surfe, mas também muitas outras atividades que façam parte de uma Cultura Física ou Cultura Corporal determinada.

Com esta estrutura de pensamento, damos conta de mostrar que o Surfe pode ser considerado como parte de uma Cultura Corporal determinada em regiões próximas às praias e que possui os requisitos básicos necessários para sua utilização como conteúdo significativo num programa de Educação Física nas escolas do litoral.

Devemos ressaltar que não pretendemos parar nossas discussões por aqui, deixando caminhos abertos para futuros estudos sobre as metodologias que podem ser utilizadas no ensino do Surfe pela Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus : educação física para quê ? Rev. Bras. Ciências do Esporte , 13, (2), p.282-7, 1992.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação física no Brasil : a história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo, Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. A representação do trabalho do professor de educação física na escola : do corpo matéria-prima ao corpo cidadão. São Paulo, 1992. 97p. Dissertação (mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- DAOLIO, J. Educação a partir do movimento. Rev. Paulista de Educação Física. (no prelo).
- DAUD, C. Os novos caminhos. In : Rev. Surfer Magazine do Brasil, v.2, n.7, p. 31, 1988.
- FILOSA II, G. F. R. The surfer's almanac. New York, Dutton, 1977.
- FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro : teoria e prática da educação física. Campinas, Scipione, 1989.
- GUTENBERG, A. A história do surf no Brasil. São Paulo, Azul, 1989.
- KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In : BRUHNS, H. T. org. Conversando sobre o corpo. Campinas, Papirus, 1985.

LORCH, C. K. Surfe : deslizando sobre as ondas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1980.

MAUSS, M. Sociologia e antropologia . São Paulo, EPU, 1974, vol.II.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Contribuição ao debate do currículo em Educação Física : uma proposta para a escola pública. Secretaria de Educação de Pernambuco. Micheli Ortega ESCOBAR, coordenador. Recife, 1989.

REVISTA SURFER MAGAZINE DO BRASIL. v.7, n.21, p.37, 1992

SOARES, C. L. Função da educação física escolar. Rev. Paul. Educação Física, São Paulo, 5(1/2), p.51-60, jan./dez., 1991.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In : MOREIRA, W. W. org. Educação física & esportes : perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992.